Komposition (1936)
Otto Freundlich

Artigos

A segunda teoria pulsional de Freud e o lamento poético de Rilke

FREUD'S SECOND DRIVE THEORY AND RILKE'S POETIC LAMENT

Giovana Viveiros Fernandes Molina

Resumo · *Abstract*

Este artigo propõe uma reflexão sobre a segunda teoria pulsional de Freud, os conceitos de pulsão de vida e de morte como forças psíquicas que operam para além do princípio do prazer. A construção freudiana é interligada a versos das *Elegias de Duíno*, do poeta Rainer Maria Rilke, em que a morte aparece como elemento central nas tramas da lamentação, da solidão e do encontro com a Dor original. Os versos selecionados servem para ilustrar as manifestações pulsionais propostas por Freud, especialmente a compulsão à repetição. Assim, Freud elabora a hipótese de que o aparato psíquico busca manter a excitação em níveis baixos, mas que também é influenciado por um princípio, que ele chama de 'nirvana', associado à pulsão de morte.

This article proposes a reflection on Freud's second drive theory, the concepts of life drive and death drive as psychic forces that operate beyond the pleasure principle. The Freudian construction is interconnected with verses from the Duin Elegies, by the poet Rainer Maria Rilke, in which death appears as a central element, in the plots of lamentation, loneliness and the encounter with original Pain. The selected verses serve to illustrate the instinctual manifestations proposed by Freud, especially the compulsion to repeat. Thus, Freud develops the hypothesis that the psychic apparatus seeks to maintain excitation at low levels, but that it is also influenced by a principle that he calls "Nirvana", associated with the death drive.

Palavras-chave · *Keywords*

segunda teoria pulsional; pulsão de vida; pulsão de morte; compulsão à repetição; princípio do prazer.

second drive theory; life drive; death drive; compulsion to reproduce; pleasure principle.

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a segunda teoria pulsional de Freud, que introduz os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte entre os fenômenos do psiquismo para "aquém" do princípio do prazer, como mais primitivos e independentes deste último. O texto articula a elaboração da teoria, por Freud, com fragmentos de versos das *Elegias de Duíno*, coletânea de Rainer Maria Rilke, um dos poetas de maior expressão lírica em língua alemã do século XX. Os fragmentos selecionados seguirão o propósito, no plano da criação artística, de nos ajudar a pensar as manifestações pulsionais apresentadas por Freud, como se pode constatar nestes versos, em que a morte é protagonista:

> Quem nos desviou assim, para que tivéssemos/ um ar de despedida em tudo o que fazemos? Como aquele/ que partindo se detém na última colina para contemplar/ o vale à distância – e ainda uma vez se volta, / hesitante, e aguarda – assim vivemos nós, / numa incessante despedida. (Oitava Elegia, p. 73)

Rilke começou a escrever as *Elegias* em 1912 no castelo de Duíno, uma antiga construção erguida sob os rochedos do mar Adriático, próximo a Trieste, na Itália, mas só retomou seus escritos dez anos mais tarde no castelo de Muzot, na Suíça. Entre esses dois períodos, há a Primeira grande Guerra Mundial, mas Rilke parece indiferente a isso em suas elegias, que nunca fizeram menção a nada histórico: "para o escândalo de muitos, seu ideal era outro" (ANDRADE, apud RILKE, 2001).

Andrade (2001) destaca que o mal-estar de Rilke só não se confundia com o da civilização, porque parecia muito anterior a ela e anterior a todos nós, como se Rilke tentasse recuperar em suas elegias um tipo de transcendência que vai muito além de todos os rostos e de todos os elementos.

Dessa forma, voltamos a Freud, no caminho para a sua segunda teoria pulsional, quando passa a suspeitar da existência de tendências no psiquismo para além do princípio do prazer, fenômenos psíquicos mais primitivos que o transcendem, já que o princípio do prazer-desprazer, como regulador do aparelho psíquico, não explicava, por exemplo, o problema da compulsão à repetição de eventos desprazerosos. Em suas palavras, "a com-

pulsão à repetição nos parece mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer por ela deixado de lado" (FREUD, 2020).

A compreensão da existência de uma compulsão à repetição, que interrogava o princípio do prazer, despertou, então, suas suspeitas sobre fenômenos psíquicos originários, primitivos, e revelados nessas manifestações que ele observava na clínica, como a reação terapêutica negativa. A hipótese de que o aparelho psíquico trabalha para manter sua quantidade de excitação no nível mais baixo possível ou, ao menos, constante, não mais se sustenta como explicação suficiente para o princípio do prazer. Isso levou Freud a introduzir o termo filosófico 'nirvana' como um princípio a serviço da pulsão de morte, conceito que será detalhado adiante.

Os estudos considerados por Freud para propor uma nova forma de organizar as pulsões teriam como base, portanto, o desenvolvimento do conceito de narcisismo, a retomada do princípio de constância e a compreensão da existência de uma compulsão à repetição, que deixa de lado o princípio do prazer.

Estariam ancoradas nessas hipóteses as reflexões apresentadas ao longo do capítulo VI, da obra *Além do Princípio do Prazer*, de 1920, que introduz a segunda teoria pulsional, baseada na dualidade entre pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos). A primeira dirigida ao investimento e à ligação, e a segunda, ao desinvestimento pulsional e ao retorno ao estado inorgânico.

As pulsões e suas vicissitudes

A primeira teoria pulsional de Freud, conhecida como Teoria da Libido, e proposta com mais detalhes no texto *As pulsões e seus destinos*, de 1915, tem por base outra dualidade, como referido: as pulsões do eu e as pulsões sexuais.

Freud situa seu conceito de pulsão "na fronteira entre o psíquico e o somático", como representante psíquico dos estímulos que se originam no organismo e alcançam a mente, exigindo desta um trabalho por sua ligação com o corpo (FREUD, 1915, p. 32). Associa-o também a alguns elementos inerentes, entre eles, pressão, finalidade, objeto e fonte. A pressão representa a quantidade e intensidade da força que a pulsão movimenta, sua exigência de trabalho. A finalidade, sua satisfação, que poderá ocorrer

de maneiras diferentes, uma vez que a pulsão apresenta finalidades variadas. Há pulsões, inclusive, que são inibidas em sua finalidade, defletidas, mas, ainda assim, obtêm uma satisfação parcial.

A finalidade de uma pulsão só pode ser atingida por meio de um objeto – este terceiro elemento é o que há de mais variável em uma pulsão e, apesar de não estar ligado originalmente a ela, oferece condições para a sua satisfação. O objeto de investimento pulsional, mesmo sendo inespecífico, necessita uma aptidão peculiar que lhe confira os atributos para a satisfação da pulsão. Garcia-Roza destaca sobre a possibilidade dessa particular aptidão do objeto estar vinculado à história do sujeito, ao seu desejo e às suas fantasias: "entre a pulsão e seu objeto, há o desejo e a fantasia" (1995, p. 20). A fonte de uma pulsão, o quarto elemento inerente às pulsões, está associada, necessariamente, à sua origem somática, aos estímulos que se originam no corpo e atingem representação psíquica.

Esses quatro termos ligados à construção do conceito de pulsão referem-se à pulsão sexual, não se aplicando adequadamente às pulsões não sexuais, ditas do eu ou de autoconservação. No texto *Sobre o Narcisismo*, de 1914, Freud já havia observado o movimento de retração da libido, retirada do objeto em direção ao Eu, num processo regressivo, que identificou como narcisismo secundário. A percepção de que a libido objetal poderia ser retirada do mundo externo e investida no Eu o leva a cogitar que interesse e libido poderiam coexistir no que se refere às funções do Eu. Dessa forma, o dualismo pulsional ficaria, aparentemente, próximo do monismo pulsional pensado por Jung, mesmo com a solução de distinguir libido do eu e libido objetal.

Freud cultivava a ideia, entretanto, de que um conflito profundo entre forças opostas capturava a mente (JONES, 1961), parecendo-lhe insuficiente entender tal conflito psíquico como oposição entre duas tendências de uma mesma pulsão. Contudo, ainda mantém a divisão entre pulsões do eu e pulsões sexuais (libido), enquanto prossegue em sua revisão da teoria da libido.

O aparelho psíquico trabalha para manter a quantidade de excitação produzida pelas diferentes pulsões e sua variedade de finalidades no nível mais baixo possível ou, simplesmente, constante. O princípio de constância é a hipótese retomada por Freud (1920) para explicar esse equilíbrio entre as pulsões e argumen-

tar que é do princípio de constância que decorre o princípio do prazer. O princípio de realidade atuaria, nesse sentido, como um regulador que consegue adiar a satisfação da pulsão dependendo das condições do mundo externo (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001). A tolerância temporária ao desprazer do adiamento da satisfação imediata é movida pelo princípio da realidade sob a influência dos impulsos de autoconservação, uma vez que a tendência ao prazer pode representar risco à autopreservação do indivíduo. O domínio do princípio da realidade sobre o princípio do prazer não é absoluto, conforme mostram as observações de Freud na clínica.

Ele reflete sobre isso, em 1920, ao retomar o princípio de constância e repensar, a partir dele, a dominância do princípio do prazer. As observações na clínica das manifestações, mencionadas anteriormente, de compulsão à repetição, de sonhos traumáticos ou eventos dolorosos e o *fort-da* como dramatização de uma ausência – a criança lança para longe o carretel e o traz de volta, puxando o cordão, de novo e de novo – o aproximam ainda mais da ideia de que há tendências primitivas e independentes do princípio de prazer no psiquismo.

Pulsão de Vida e Pulsão de Morte

As reflexões do capítulo VI de *Além do Princípio de Prazer*, em torno dessa suspeição, conduziram Freud à elaboração do conceito de pulsão de morte em contraposição à pulsão de vida, fortalecendo a sua concepção dualista. É neste capítulo que surge a primeira aparição do termo pulsão de morte, como também se constrói com mais clareza a ideia de que tanto as pulsões do eu/autoconservação como as pulsões sexuais seriam parte da pulsão de vida.

As pulsões de autoconservação, a partir de 1920, permaneceram ligadas às pulsões de morte. Freud supõe que se "todas as pulsões orgânicas são conservadoras" e tendem a repetir o estado anterior, uma conclusão possível é a de que o organismo vivo primitivo não queira mudar o curso da vida, mas apenas repeti-lo compulsivamente. A influência e a perturbação de forças exteriores do breve curso que foi desviado também foram incorporadas, fazendo com que a antiga meta fosse alcançada por "caminhos antigos bem como novos"; o que quer dizer que há um estado

mais antigo ao qual o ser vivo abandonou, mas pretende retornar ou, nas palavras de Freud, "tudo o que é vivo morre por razões internas, retorna ao inorgânico, ao que só resta dizer que a meta de toda a vida é a morte; e remonta o passado: o inanimado esteve aqui antes do vivo" (FREUD, 1920, pp. 135-137).

No entanto, Freud corrige essa ideia e considera a conservação como um caso particular das pulsões de vida, sustentando que a oposição das pulsões de autoconservação e da espécie, assim como a oposição entre amor do Eu e amor objetal, pertencem a Eros.

No percurso para a construção do conceito de pulsão de morte, Freud (1920) recupera a hipótese de Breuer sobre os tipos de catexia dos sistemas psíquicos, de energia livre e energia ligada. As moções pulsionais são livres, e se considerarmos as manifestações da compulsão à repetição quando anulam o princípio de prazer, reconheceremos a aparência de uma força "demoníaca" em ação e, daí, uma tentativa de descarregá-la, percorrendo os caminhos mais arcaicos, anteriores à constituição do Eu.

Freud se pergunta, em 1920, o que a compulsão à repetição tem a ver com o pulsional e de que maneira se associam; e sugere a ideia de que "chegamos à pista de um caráter geral das pulsões" ou mesmo da própria vida orgânica:

> Uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado, para restabelecer um estado anterior, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica. (FREUD, 1920, p. 131)

Esse caráter geral das pulsões, que Freud identifica como de natureza conservadora, é fundamental e se coaduna com a repetição e a ligação ou dominação da excitação, ou seja, se há uma anterioridade no domínio da excitação psíquica, uma vez que esse domínio vem a ser uma contenção dos estímulos que invadiram o aparelho nervoso primitivo, a contenção que teve que ocorrer, muitas vezes, tornou-se o próprio mecanismo do psiquismo.

Avançando em suas investigações sobre o pulsional e a sua relação com a compulsão à repetição, Freud levanta a hipótese de ser a pulsão movida por essa necessidade de restaurar o estado

anterior das coisas, "que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças externas perturbadoras". Tal necessidade seria expressão da inércia inerente à vida orgânica (FREUD, 1920) e estaria fadada à busca de um objetivo antigo, sendo o antigo associado ao estado inicial da vida: a volta ao inorgânico.

As pulsões se misturam e se ligam, como Freud explica em *O Eu e o Id* (1923), em que lança a hipótese sobre a fusão entre pulsão de morte e de vida, com momentos de desfusão que levam a predominância de uma delas, mas nunca a desintricação total entre elas. Em *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924), Freud reitera essa interpretação da fusão entre as pulsões, considerando impossível lidar com as pulsões de vida e de morte puras.

Recorreremos ao poema de Rilke, nesse momento, para pensar na proximidade com essa experiência humana muito primitiva, que pode nos dizer sobre o desamparo humano frente à vida, como frente ao pulsional. Nessa tentativa, retomamos uma parte da Primeira Elegia:

> Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos/me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse/ inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia/ sua existência demasiado forte. Pois o que é o Belo/ senão o grau do Terrível que ainda suportamos/ e que admiramos porque, impassível, desdenha/destruir-nos? Todo Anjo é terrível/ E eu me contenho, pois, e reprimo o apelo/ do meu soluço obscuro/ Aí, quem nos poderia valer?

O espaço da ausência e solidão, vivido como soluço obscuro, na morada das angústias inomináveis da energia livre, denuncia algo que transcende o princípio do prazer. A pulsão personificada em anjos e demônios que, numa fusão paradoxal, revela o Anjo Terrível, nos faz pensar no dualismo freudiano entre pulsão de morte e pulsão de vida. "E mesmo que um deles me tomasse/inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia", podemos enxergar nessa estrofe a realidade esmagadora da pura expressão de uma das pulsões. A vida, assim, não acontece, já que a fusão de opostos é a sua condição, o intricamento pulsional.

Como nos diz Freud (1920), a pulsão capta o destino do nosso organismo, o caminhar para a morte: "o que nos resta é o fato

de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte" (FREUD, 1920, p. 49).

No entanto, diante da constatação do desamparo humano frente à morte, resta-nos a vida:

> Nem Anjos, nem homens/ e o intuitivo animal logo adverte/ que para nós não há amparo/ neste mundo definido./ Resta-nos, quem sabe,/a árvore de uma colina, que podemos rever/ cada dia; resta-nos a rua de ontem/ e o apego cotidiano de algum hábito/ que se afeiçoa a nós e permanece. (Primeira Elegia)

Podemos associar esse trecho ao movimento de Eros, expresso nas manifestações da natureza, nas construções do homem civilizado, no hábito como ritual que liga, faz repetir e prever a vida. As pulsões que operam a favor da vida, como guardiões contra os propósitos da morte, imprimem ao organismo um ritmo vacilante.

> Certo grau de pulsão se precipita para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço é obtida, outro grupo pulsional opera para que retroceda a um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar, assim, a jornada. (FREUD, 1920, p. 107)

> E a noite, a noite, quando o vento pleno dos espaços/ do mundo desgasta-nos a face/ – a quem se furtaria ela,/ a desejada, ternamente enganosa, sobressalto para o/ coração solitário? Será mais leve para os que se amam?/ Ai, apenas ocultam eles, um ao outro, o seu destino." (Primeira Elegia)

A noite, o vento pleno dos espaços do mundo, o desgastar da face podem nos revelar a solidão existencial. Como lembra Freud em *O Inquietante* (1919), o silêncio, a solidão e a escuridão são elementos que participam da formação da ansiedade infantil, da qual a maioria dos seres humanos não se liberta inteiramente.

Garcia-Roza (1986) define o lugar ocupado pela pulsão – situado além da ordem e da lei, além do inconsciente e da rede de

significantes, além do princípio do prazer e da realidade e além da linguagem – como o lugar do acaso. Parece ser esse o lugar liricamente ocupado por Rilke nas *Elegias*, o lugar do acaso, do incerto, do desamparo. Sugado pela pulsão de morte, parece revelar uma irresistível dinâmica, que incita para o retorno ao zero, para um tempo em que o amor perde as forças diante da realidade da separação. "Assim vivemos nós, numa incessante despedida" (Primeira Elegia).

Freud segue investigando a relação do princípio de prazer com as duas classes pulsionais em sua obra, tendo em mente que nenhum desses princípios opera isoladamente, e o sofrimento e o desprazer também podem ser fontes de prazer: o que é prazer para uma instância é desprazer para a outra.

Ao apresentar a sua teoria sobre o masoquismo, em 1924, Freud repensa-o como primário e erógeno. A pulsão de morte vigora quando a libido a encontra e cumpre a tarefa de desviá-la em boa parte para fora, para os objetos do mundo externo, denominando-a a partir desse trabalho de pulsão de destruição. Essa parte da pulsão colocada para fora está, portando, a serviço da função sexual, que Freud denomina como o sadismo propriamente dito. Já, a outra parte desse encontro pulsional, que não foi projetada para fora, permanece no organismo libidinalmente ligado; nela, Freud reconhece o masoquismo erógeno, a sobrevivência da fusão de Eros e pulsão de morte, essencial à vida. O sadismo ou pulsão de destruição pode ser novamente introjetado, regredindo à situação anterior, resultando no masoquismo secundário.

Ainda podemos pensar que, para além de vestígios, o amálgama entre Eros e pulsão de morte, em sua expressão do masoquismo originário, apresenta em Freud uma verdadeira estruturação do aparelho psíquico. Assim, pensando no poema de Rilke, seus versos parecem manifestar um lamento que trazem consigo algo erotizado, uma herança, talvez, do masoquismo erógeno que se tornou componente da libido. Apesar de não ser uma manifestação clássica do masoquismo, podemos levantar a hipótese de componentes erotizados no sofrimento/lamento das Elegias, como expressão dessa estruturante dor original.

Diante de toda essa intensidade, temos a cultura que pode operar e suprimir parte dos componentes pulsionais destrutivos, também nos lembra Freud, em 1924, e em *O Mal-Estar na Civili-*

zação (1930), ao referir-se aos esforços da civilização na contenção das pulsões agressivas, que refletem a hostilidade primária entre o homem e a sociedade civilizada. O desenvolvimento da civilização expressa a luta entre pulsão de vida e pulsão de morte, escreve ele, como também a luta dentro da economia da libido, de distribuição da energia pulsional entre o Eu e os objetos, visando uma acomodação final no indivíduo (FREUD, 1930).

O lamento do ser humano diante dessa ordem de forças contrárias representa um terreno fértil para o trabalho analítico. Tornar essa experiência de conflitos psíquicos inerente ao ser humano menos contraditória e mais suportável por meio dos recursos que a experiência de análise pode oferecer. Como destaca Pierre Fédida, em *Amor e Morte na Transferência* (Fédida,1988, p.21):

> Na nossa prática, e em situações da vida cotidiana, observamos essa dificuldade do ser humano de coexistir com as pulsões parciais e conservá-las juntas num mesmo objeto. Ele se depara com desejos conflitivos e não sabe como resolver essas coisas contrárias que encontra no interior de si. Que dizer, ainda, da ambivalência que vivemos no amor que temos por uma pessoa próxima? Não podemos desconhecer o voto de morte em relação a essa pessoa, a relação de ódio que pode coexistir na ambivalência.

Considerações finais

Freud recapitula a construção de sua segunda teoria pulsional no final de *Além do Princípio do Prazer* (1920), em uma grande nota de rodapé, lembrando que com base na hipótese da libido narcisista, a pulsão sexual se transformou em Eros. Eros, que opera desde o início da vida, surgiu em oposição à pulsão de morte que visa a volta ao inorgânico, com vistas à descarga. As pulsões do eu e autoconservadoras foram incluídas entre as pulsões sexuais, como pulsões de vida. E o dualismo pulsional, pulsão de morte *versus* pulsão de vida, passou a figurar na origem dos conflitos psíquicos.

A segunda teoria pulsional, com o advento do conceito de pulsão de morte, abriu ricas possibilidades para o pensamento psicanalítico e, dessa forma, para uma nova escuta e para novos aprofundamentos. Se a pulsão de morte é parte fundante do cria-

tivo pela ruptura, a pulsão de vida nos liga ao novo. Nessas expressões da vida, com seus paradoxos, o finito pode ser esculpido de infinitas maneiras, abrandando as nossas urgências pulsionais. Para usufruirmos dessas possibilidades, no entanto, um longo caminho deve ser percorrido.

Nos detivemos em apenas um fragmento da obra, mas, em nossa perspectiva, *Elegias de Duíno*, como um todo, trata da repetição. A repetição de um conflito que pode indicar o desespero e a condição do humano: o mítico confronto entre Eros e Tânatos. Em todos os poemas, há a expressão de algo inconciliável, insolúvel, irremediável. Como um lamento, mas ao mesmo tempo como um culto silencioso e nostálgico ao nirvana.

Referências

FREUD, S. *Obras completas*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Introdução ao narcisismo. In.: *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Publicado originalmente em 1914.

_____. Os instintos e seus destinos. In.: *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Publicado originalmente em 1915.

_____. O inquietante. In.: *Obras completa*s, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Publicado originalmente em 1919.

_____. Além do princípio do prazer. In.: *Obras completas*, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Publicado originalmente em 1920.

_____. O problema econômico do masoquismo. In.: *Obras completas*, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Publicado originalmente em 1924.

_____. O Eu e o Id. In.: *Obras completas*, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Publicado originalmente em 1923.

FEDIDA, P. *A clínica psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1988.

GARCIA-ROZA, A. *Acaso e repetição em psicanálise*. São Paulo: Zahar, 1986.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana 3*. São Paulo: Zahar, 1995.

JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. São Paulo: Zahar, 1961.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. V*ocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Publicado originalmente em 1982.

RILKE, R. M. *Elegias de Duíno*. Tradução e comentários de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Editora Globo, 2001.